

HOMENAGEM A MAGNO DADONAS: POETA, JORNALISTA E REVOLUCIONÁRIO

Nos últimos anos, tenho me dedicado a escrever crônicas sobre a cidade, muitas delas que trazem histórias e personagens que, mesmo à margem da “História Oficial” dos vencedores, insistem em sobreviver nas lembranças desta cidade sem memória. Escavo por todo lado e levanto verdades ocultas, seja pela censura na “imprensa livre” local, bloqueio à arte ou ausência de interesse da “elite” letrada. Escrevo também para que não sejam esquecidas no mar revolto desses tempos escuros. A comprovação que a política de assassinato aos opositores do regime militar era decidida pelos presidentes durante a ditadura é uma prova que devemos continuar buscando a verdade para que aquilo não se repita, nem se elejam tipos saudosos da ditadura apoiados por outros tipos do nordeste do Tucanistão.

Por isso transcrevo esses depoimentos, de amigos que conviveram com o poeta, jornalista e revolucionário francano Magno Dadonas.

Depoimento 1. “Conheci Magno Dadonas quando fui trabalhar na fábrica Samello, em 1958. Lembro-me bem da data porque, nesse ano, estive fazendo o Tiro de Guerra e eu saía do quartel e ia trabalhar fardado. Ele trabalhava no escritório central e eu num lugar próximo, na contagem de tags das estantes onde os calçados prontos chegavam.

Magno era muito bem humorado, e escrevia poesias quase todos os dias. Lembro-me de um deles, quando o chefe chamou-lhe a atenção e ele não gostou nada: na mesma hora escreveu um poema curto, mais ou menos como “poderosos os que se julgam no andar de cima. Se estivessem, não estariam atrapalhando a minha busca por salubridade”. Escreveu a mão, na hora, então pedi uma cópia e ele datilografou a poesia e me deu. Guardo até hoje (só não sei onde). Muito culto, lia bastante, era autodidata e seu vocabulário sempre foi muito rico. Estava sempre com um ou dois livros debaixo do braço. Tornamo-nos muito amigos, eu o admirava muito. No ano seguinte fui trabalhar na Rádio Clube Hertz e nos encontrávamos nos sábados à noite, sempre no Café Globo na Praça Barão, ele sempre acompanhado pelo Wanderley Fontelas (soube que hoje ele é professor em Ribeirão Preto). E ficávamos até tarde, os três, conversando, sempre sobre artes: cinema, poesia, teatro. Com ele aprendi a conhecer Truffaut, Brecht, Sérgio Ricardo, Kafka, Augusto Boal, Guarnieri, Nelson Rodrigues, Teatro de Arena, Godard, Resnais, Pasolini, Gramsci. Tanta gente.

Falava muito sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 (Mário, Oswald de Andrade). Wanderley era o mais entusiasmado, perguntando sempre sobre tudo. De vez em quando aparecia uma turma de gozadores: Padinha e Dantinho Finatti, que debochavam das idéias que ali trocávamos. Diziam que éramos “decadentes”. Confesso a minha ignorância (naquela época e hoje também). Só ficava deslumbrado e um tanto confuso. Era um novo mundo que se abria para mim. Nos primeiros anos dos 60 fui padrinho de uma de suas filhas e uma única vez estive em sua casa. Ele nos incentivou a sair da conversa e fazer as coisas.

O Dantinho montou o “Varal”, um cordão no qual pendurava poemas seus e dos amigos, nas manhãs de domingo. Montamos um cine-clube no salão do antigo colégio N. Sra. de Lourdes. Arranjamos um projetor de 16 mm e o primeiro filme exibido foi “Cidadão Kane” de Orson Welles. O Magno me explicava algumas coisas que eu não entendia, como “Rosebud”. Padinha sempre do lado, muito falante, entusiasmado, resolveu fazer um filme. Queria que eu fosse seu assistente. Como? Eu mal entendia o que estava assistindo. Acompanhei as primeiras filmagens e emprestei alguns discos prá ele. Não o encontrei mais.

Magno foi trabalhar depois no “Diário” do Luiz Carlos Facury. Eu fui trabalhar num banco. Brigou com a mulher e passou a dormir num quatinho, no próprio jornal. Aí veio a “revolução”. Minha família estava abalada com a prisão de meu pai, mas continuávamos nos encontrando, às vezes ele ia à minha casa nos fins de semana. Magno, muito revoltado, começou a pensar e falar em participarmos de uma luta prá valer, para derrubar o regime.

Fiquei apavorado, mas não disse nada. Mas ele insistia, citava Marx, Engels, Che Guevara. Depois foi para São Paulo, trabalhar (se não me engano) no "Estadão".

Em 68 soube de sua prisão, confinado nos porões do DOPS. Em 69 e 70 foi a nossa vez: eu, Wanderley, Tadeu, "Quimba", Mauro Correa Neves, Dante e outros. Uma vez, muitos anos depois, garimpando na livraria Martins, descobri alguns livros americanos sobre tratamento de diabetes, traduzidos por ele. Um amigo, que foi preso em São Joaquim da Barra, ficou na mesma cela que Magno. E ele me contou que ele estava realmente diabético, havia sido muito torturado, mas não perdeu o ânimo: lia muito e dava aulas de inglês todos os dias para a turma que convivia com ele na prisão. Depois de libertado, continuou trabalhando no mesmo "Estadão" e depois na "Veja", segundo me disseram. Anos depois soube de sua morte (não sei precisar em que ano foi). Ele morava sozinho, em um pequeno apartamento, em São Paulo e um dia não apareceu para trabalhar. Não atendia ao telefone também. Dois ou três dias depois foram ao apartamento, que estava trancado. Arrombaram a porta, Magno estava inerte em sua cama. Morreu dormindo".

Depoimento 2. "Magno. Grande cidadão, poeta e jovem revolucionário, lutou contra a ditadura, ficando uns três anos no presídio Tiradentes depois de passar (também por tortura) no DOPS. Um grande redator, além do "*Diário da Franca*" por aqui, em SP, fazia traduções e artigos de economia para o jornal "*O Estado de SP*". Antes disso, foi um dos repórteres aprovados em concurso nacional na revista *Veja*, onde não teve espaço, por suas idéias serem subversivas para a editora Abril. Depois, foi morar numa chácara fora de Sampa, no tempo do *Estadão*. A família deles (os velhos) são de origem eslava. Magno foi um amigo para sempre, fez roteiros comigo que jamais evidentemente foram filmados. Foi encontrado morto em seu apartamento. O que importa é que viveu em função de sua luta para mudar a realidade do Brasil e da vida.

Mesmo lutando muito, era romântico e bem humorado, conquistava garotas com suas poesias sem rima, com talento. Ele me dizia que eram só cantadas. Mas era poesia de qualidade. Acho que aquela frase icônica de Che Guevara cabe para definir o Magno, "endurecer sem perder a ternura". Magno foi um dos fundadores do Cine Clube AEC, que marcou época em termos de cinema de arte no interior, tendo sido também co-roteirista do meu primeiro curta-metragem feito aqui em Franca, "Procissão de coisa e gente".

Depoimento 3. Um poema tropicalista de Magno Dadonas declamado de cor por outro amigo dele que se lembrava do texto como se tivesse sido escrito hoje.

Salve-se o riso

Salve-se o riso, não o riso cândido da boçalidade

Que deixa tudo onde está

Mas o da rosa pura, sexo exposto sem preconceitos

Salve-se o riso

De quem vê nuas todas as mulheres

Debaixo do tergal que não encolhe nem estica

Assim dizem os anúncios

Porém é removível

Felizmente mais do que os anéis de grau e os cornos masculinos

Não se lastime a beleza das catástrofes

Porque é triste ficar triste na hora mais sublime

Em que o imprevisto garatujou defuntos

No aconchego das máquinas sinistradas

Se ainda não for possível cantar o riso humano

Salve-se o riso espontâneo dos hipopótamos e a

Gargalhada branca dos esqueletos

Finalmente libertos de suas almas padronizadas

Salve-se o riso

Enquanto o amor total não chega num disco voador.

Viva Magno Dadonas. Magno Dadonas vive.

Mauro Ferreira é arquiteto